

CRIME E CASTIGO



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 1

Justiça seja feita

Branca Vianna: Oi, eu sou a Branca Vianna. Antes de começar, eu queria dar um aviso aqui pros ouvintes. Essa série fala de violência e de violência sexual. Então fica o alerta pra quem é sensível a esses temas. E eu recomendo, claro, que você não escute acompanhado de crianças.

Em setembro de 2020, a gente lançou o nosso primeiro podcast original – o *Praia dos Ossos*. Se você tá aqui, é bem possível que tenha ouvido o *Praia*. Mas, se não ouviu, tudo bem, pode ouvir depois porque isso aqui é outra coisa.

Pra resumir num tuíte, o *Praia dos Ossos* é a história do assassinato da Ângela Diniz em 1976 pelo namorado dela, o Doca Street – e sobre como esse caso foi um divisor de águas pro movimento feminista no Brasil. Isso porque no primeiro julgamento do assassino, o advogado dele usou o argumento da “legítima defesa da honra” e ele saiu andando do tribunal.

O podcast deu muito certo, gerou muita discussão... e é claro que a gente passou um bom tempo lendo o que saiu na imprensa, os comentários que chegaram por e-mail, pelas redes sociais...

Teve muita, muita mensagem legal.

Mulher 1: Espetacular o podcast *Praia dos Ossos*. Prende a nossa atenção o tempo todo.

Homem 1: Brilhantes. Impossível não refletir. Sou advogado

criminalista. Hoje, aos 62 anos, repenso tudo.

Branca Vianna: Eu não vou bancar a falsa modesta aqui e dizer que a gente não ficou muito satisfeita de ver essa repercussão, de ver tanta gente dizendo que mudou o jeito de pensar quando ouviu o podcast.

Mas algumas mensagens que chegavam não paravam nos elogios. Elas eram meio raivosas.

Homem 2: Penso como seria o tamanho dessa onda se todos "os Docas" fossem condenados à prisão perpétua, ou se, tipo, por uns 10 ou 20 anos, a gente tivesse a experiência de pena de morte...

Branca Vianna: Comparado com o que a gente vê por aí nas caixas de comentários, nem é nada demais. Mas a gente ficou mexida.

Homem 2: Vida longa ao *Praia dos Ossos*, que muito bem registra uma das mais graves patologias da sociedade: a impunidade.

Branca Vianna: Entre regime fechado e semiaberto, o Doca ficou 5 anos preso. Ele passou por dois julgamentos, cumpriu a pena a que foi condenado... será que dá pra chamar isso de impunidade?

Esses comentários, pedindo uma pena mais longa, ou prisão perpétua, ou até a pena de morte, eram comuns entre as mensagens que chegavam nas redes sociais do *Praia*, ou então no nosso e-mail.

Homem 3: Eu acho que no Brasil devia ter prisão perpétua. O Doca ainda estaria preso, ou teria conseguido a condicional só depois de 40 anos.

Branca Vianna: Quando o Doca Street morreu, de infarto, em dezembro de 2020 – só três meses depois do lançamento do podcast – o tom desses comentários subiu mais ainda.

Mulher 2: Doca Street morreu. Só assim pra se ter justiça aqui. Tá queimado já.

Branca Vianna: Quer dizer então que a justiça só foi feita quando o Doca morreu? Isso quer dizer o que, que devia ter pena de morte no Brasil?

Mulher 3: O Doca Street demorou muito para ir embora e não pagou pela desgraça que fez a Ângela Diniz. Um maldito, um ser humano desgraçado. Que o inferno o receba de braços abertos, seu filha da puta.

Branca Vianna: Muitos desses comentários mais raivosos dão a impressão de que

essa sensação de injustiça é, na verdade, desejo de vingança.

Mas justiça e vingança são coisas diferentes.

Flora Thomson-DeVeaux: Será que são mesmo?

Branca Vianna: Essa é a Flora Thomson-DeVeaux, diretora de pesquisa da Rádio Novelo. Se você ouviu o *Praia dos Ossos*, deve tá lembrado da voz dela.

Paula Scarpin: Ué, claro que são, né? Vingança é um negócio que você só faz, e a justiça tem uma série de códigos, né...

Branca Vianna: E essa voz aí é da Paula Scarpin, diretora de criação da Novelo.

Paula Scarpin: ...parte lá do que o direito romano tinha feito, exemplos de outras sociedades, enfim, tem regras pra como você reagir, não é só no impulso.

Flora Thomson-DeVeaux: É, mas o que eu tô me perguntando é: quais são os sentimentos por trás do nosso senso de justiça? Porque o desejo de vingança com certeza tá aí, né?

Paula Scarpin: Bom, foi por causa disso que a gente foi atrás do pessoal do LAUT, né? A ideia era fazer um bônus do Praia.

Branca Vianna: O LAUT é o Centro de Análise da Liberdade e do Autoritarismo. Essa série aqui começou assim, com a ideia de um episódio bônus, pra gente falar mais sobre história do direito e o que significa, de fato, justiça.

Branca Vianna: Rafael, você hoje vai explicar tudo pra gente.

Rafael Mafei: Então posso dar rec aqui?

Branca Vianna: O Rafael é o Rafael Mafei. Ele é professor de Direito da USP.

Branca Vianna: Primeiro: como é que a gente chegou nesse sistema de justiça que a gente tem hoje, sabe, no ocidente? Que já vem, sei lá, desde o século XIX, né, XVIII... como é que o que tinha antes? Como é que a gente chegou aqui?

Flora Thomson-DeVeaux: Em 30 segundos.

Branca Vianna: [ri] Cê pode ir até às cinco da tarde.

Branca Vianna: O Rafael tem anos de estudo no assunto, e claro que pra ele, como, aliás, pra qualquer pessoa, é impossível resumir a História do Direito em 30 segundos. Ainda mais com a gente fazendo pergunta em cima de pergunta... e uma mais

cabulosa que a outra...

Flora Thomson-DeVeaux: Rafael, o que é justiça?

Rafael Mafei: Puxa vida. É... justiça pode significar muitas coisas diferentes, né...

Branca Vianna: A verdade é que é muito difícil falar de um conceito tão amplo só assim na teoria, sem exemplos concretos. Não tem jeito. O que interessa a gente são as histórias.

Branca Vianna: É, a gente resolveu mexer no teu vespeiro, aí dá nisso.

Branca Vianna: A conversa terminou assim:

Flora Thomson-DeVeaux: A gente achando que ia ser um episódio bônus, Rafael.

Rafael Mafei: Vão ser vários?

Flora Thomson-DeVeaux: Vão, pelo amor de Deus. [ri] A coisa entrou em metástase.

Branca Vianna: É, não dava pra resolver o assunto em um episódio bônus.

Desde que o último episódio do *Praia dos Ossos* foi ao ar, em novembro de 2020, a gente não só mexeu com esse vespeiro como foi entrar de cabeça nele.

A gente conversou com outros tantos advogados e juízes, com vítimas, parentes de vítimas, agressores, estudiosos... A gente leu muito texto – alguns chatésimos – e muitas versões de códigos penais de lugares diferentes... Isso tudo pra tentar entender o que, afinal, é isso que a gente chama de justiça.

O Dostoiévski que me perdoe, mas a gente precisou roubar o título do livro dele aqui, porque a gente não encontrou nenhum que coubesse melhor em tudo que a gente vai falar. Então, vamo lá.

Crime e Castigo, um podcast original da Rádio Novelo. Episódio 1. Justiça seja feita.

Mausy Schomaker: Então eu tenho a última mensagem dele. "Estou chegando". E é uma coisa que eu me culpo à beça...

Branca Vianna: Essa é a Mausy.

Branca Vianna: Por quê?

Mausy Schomaker: Porque... Porque eu sempre briguei muito com ele, assim...

Branca Vianna: Ele é o Alex, filho da Mausy.

Mausy Schomaker: Eu ficava preocupada se às vezes ele ia fazer outra coisa e não avisava. E ele resolveu me avisar nesse dia. E aí o ladrão viu ele mexendo no celular... Eu sei que eu não sou culpada, mas talvez se ele não tivesse me avisado, né? O ladrão— Os ladrões não tivessem visto o celular que eu tinha comprado no dia 5 com ele. Dei de presente de Natal. Eu paguei dez prestações depois... E você vai acreditar... Eu estava indo para o julgamento e eu fui assaltada, um ladrão levou meu celular.

Branca Vianna: O julgamento que você está dizendo, é o julgamento dos... dos assaltantes que mataram...

Mausy Schomaker: Dos assassinos que foram presos. É.

Branca Vianna: Que mataram o Alex?

Mausy Schomaker: É. Que eu sou considerada uma pessoa de sorte, porque eu – [alguém sussurrando] Eu, quando falo "eu" estou falando, eu e minha família, né? Porque nós... [alguém fala ao fundo] Pera só um minutinho. Você quer sair, não quer escutar isso?

Branca Vianna: Esse é o neto da Mausy, o Theo – filho de outro filho dela, não do Alex. Quando a gente conversou, ele tinha 8 anos. Aconteceu dele estar junto na entrevista porque a avó tava cuidando dele naquele dia.

Mas a gente até ficou em dúvida se ele devia ficar no estúdio ou ir pra sala de espera.

Theo: Não, eu só estou apenas colocando os ouvidos, só, sabe, porque é meio triste.

Mausy Schomaker: É triste, né? Você quer ficar lá fora, para não ouvir?

Theo: Não, eu só vou tapar os ouvidos...

Mausy Schomaker: Tá bom. Ele fica triste.

Flora Thomson-DeVeaux: É, é triste.

Branca Vianna: É...

Branca Vianna: No meio da conversa, o Theo acabou indo pra sala de espera mesmo. Mas antes, a Mausy explicou pra ele e, pra gente, porque ela topou falar sobre tudo isso.

Mausy Schomaker: Mas, Theo, é triste, mas a gente tem que saber as histórias para ajudar a não deixar acontecer de novo, sabe? Por isso que a vovó está aqui.

Meu nome é Mausy. Mausy Edeltraud Schomaker. Mais alemão, né, impossível. É muita consoante. Eu sou jornalista, professora... Hoje em dia eu parei de trabalhar, né, que eu era gerente de comunicação numa empresa grande, mas eu sou só profe- – "Sou só" – é até uma vergonha falar isso. É isso que eu faço hoje em dia, além de chorar muito.

Olivia Fürst: Tá, bom, o que aconteceu foi que...

Branca Vianna: E essa é a Olivia Fürst, irmã do Alex.

Olivia Fürst: Em oito de janeiro de 2015, meu irmão caçula, meu irmão por parte de pai, eu sou filha de pais separados, e... o Alex, meu irmão Alex Schomaker Bastos, tava voltando do shopping ele foi ali em Botafogo, naquele, jantar com uns amigos, tinha ido à universidade, ele era estudante da UFRJ, de biologia, tava se formando, e ele foi pro ponto de ônibus ali na... não era a Pasteur, era Severiano, General Severiano, eu acho. É aquela ali do lado, né.

Branca Vianna: E... E você estava sozinha em casa, então, nesse dia. Teu marido não estava?

Mausy Schomaker: Não. Não. Estava sozinha e... e... Tava assim, tranquila. Assim, eu me lembro exatamente onde eu estava sentada, como eu estava sentada. Estava lendo um livro com as perninhas esticadas, assim. Eu me lembro exatamente daquele se- daquele momento ali, eu me lembro. Muitas coisas estão muito- ficam muito confusas. Mas esse momento é muito presente.

Mausy Schomaker: Eu estava em casa, nove e pouco da noite. E aí- é- o Alex mandou uma mensagem dizendo "estou chegando".

Olivia Fürst: E aí nisso passam duas motos, e ele é assaltado, isso é o que sei né, assim, que foi descrito pra gente. E aí acontece alguma coisa, porque ele entrega o celular, eu não sei se ele reagiu, não sei se pediram a mochila e ele não quis dar, porque também não tinha nada demais a não ser uns documentos da faculdade, porque ele ia colar grau dali a uns dias, mas não tinha nada de valor, tinha uma garrafa de academia, uma roupa de ginástica que ele tinha feito, alguma coisa assim. E teve ali algum embate que não foi registrado, porque não tinham câmeras, porque tava escuro...

Mausy Schomaker: Aí passa um tempo, a PM bateu na minha porta. Dizendo que ele tinha sido ferido, né.

Olivia Fürst: Eu sei que ele levou sete tiros, né. Ele levou quatro tiros na perna direita, e depois que ele já tava caído no chão, ele levou mais três tiros de cima pra baixo, que pegaram no tronco dele.

Olivia Fürst: E eu tava em Búzios com meu pai e minha filha na Rua das Pedras, quando a gente recebeu esse telefonema de que ele tinha sido baleado, a gente voltou pra casa, e eu recebi já meu pai, né arrumando as coisas...

Mausy Schomaker: E aí fui. Liguei para os irmãos, e um ficou ligando para o outro...

Olivia Fürst: Eu recebi um segundo telefonema já de uma prima já me dizendo que ele tinha morrido. Eu não falei pro meu pai, porque eu tava com meus filhos, eu tava em Búzios, eu não sei que – o que é que ia fazer, né? Eu respirei e falei não, vamo porque ele tá na mesa de cirurgia, vai dar tudo certo. Então entrei no carro com meu pai e a gente veio pro Rio, e eu fiquei muda, a gente veio mudo, né, a gente, ele veio dirigindo porque ele precisava se ocupar.

Mausy Schomaker: Aí eu fui para lá, e aí aquele turbilhão todo. Vai para um hospital, não foi, já foi para o outro. E aí fomos para o outro, avisamos... Aí os meus – os primos chegaram, os meus filhos chegaram...

Olivia Fürst: Eu fiz um certo teatro né, sentei do lado dele, liguei, "ah, uhum, sei, vocês tão já na casa da Mausy", que é a mãe do meu irmão, aí eu falei pro meu pai, "Pai, foi demais pra ele". E aí foi uma coisa horrorosa, né, assim, um trauma você dar uma notícia dessas pro seu pai, a notícia que eu já fui maturando no caminho todo de Búzios pra cá. Aí fomos de carro pra casa dé – dele né, da Mausy, do Alex, tava todo mundo lá.

Mausy Schomaker: E eu fiquei lá, ficou todo mundo me cercando, me cercando, aí eu já sabia que...

Theo: Que ele já estaria morto?

Mausy Schomaker: Que ele já estaria. É. Eles ficaram me enrolando um pouco, mas...

Olivia Fürst: E é muito louco, né, porque acontece uma coisa dessa magnitude, eu me lembro de olhar pra cidade e tudo tão pacífico. E aquele silêncio, falei "gente, cadê os carros revirados, as pessoas

desesperadas” – era uma coisa muito díspar, isso que tava acontecendo na nossa família, dentro da gente, e o que eu tava vendo, né, assim, cadê o desespero, as pessoas gritando, explodindo fogo... não tinha nada.

Mausy Schomaker: O que acontece é que dali para frente, né? O que é a vida de uma família quando acontece esse tipo de perda? Porque é diferente, eu acho, de doença, de tudo. Porque você tem uma raiva, sabe? A raiva que eu tenho dentro de mim é um negócio assim... que se eu transformasse em ouro eu podia pagar a dívida brasileira, talvez.

Branca Vianna: O nome do Alex foi parar em tudo que é jornal.

Renata Cappuci: A gente começa essa edição com a notícia do assassinato de um jovem.

Repórter: Um estudante de biologia da UFRJ foi morto na noite passada em Botafogo, na Zona Sul do Rio.

Repórter: ...reagiu a um assalto e foi morto na saída da faculdade federal do Rio de Janeiro.

Branca Vianna: A repercussão foi grande. No meio de tantos casos de violência no Rio, por que o do Alex se sobressaiu?

Mausy Schomaker: Porque um menino da Zona Sul, que é – morre na semana da formatura, ele já estava cheio de convite para estudar no exterior, ele ia ser cientista. Então a gente teve esse, vamos dizer entre aspas, privilégio porque a gente é jornalista, porque a gente – é – a gente – é feio dizer isso, sabe? Que às vezes eu fico até meio envergonhada. Porque eu sou branca, porque eu sou loura, porque eu falo bem, porque eu tenho nível universitário, porque eu moro na Zona Sul, porque o Andrei é jornalista de O Globo...

Branca Vianna: Andrei é o pai do Alex e da Olivia, e marido da Mausy. Ele morreu em 2018.

Mausy Schomaker: E a gente conseguiu transformar aquilo numa comoção. A cidade... todo mundo conhece. Até hoje as pessoas – tem gente que pergunta: "Ah, você é a mãe do Alex?" e tal.

Branca Vianna: A gente lembrou desse caso porque a Paulinha começou uma apuração sobre ele em 2015, quando ela era repórter da revista Piauí.

Paula Scarpin: É, eu só comecei essa apuração, na verdade. A matéria nem foi feita, nem chegou a sair.

Branca Vianna: Mas muitas outras saíram.

Mausy Schomaker: Eu e o Andrei, né, basicamente, ficamos muito na mídia, todo dia tinha matéria, Jornal Nacional... O meu – meu filho mais velho falou para eu parar: “Mãe, para com isso, você não pode ficar nesse sofrimento”, não sei o quê. Eu falei: “Não, enquanto eu não souber que eles estão presos, eu não vou parar”.

Branca Vianna: Tava todo mundo do lado da Mausy. A mídia, a opinião pública e até as instituições, que fizeram de tudo pra resolver o crime.

Ela e o Andrei se encontraram com o prefeito, com o secretário de segurança pública do estado, se sentiram bem-tratados pelos delegados da divisão de homicídios...

Mausy Schomaker: Várias reuniões com o – o Beltrame, e tal. A DH, os delegados da DH, que foram muito corretos, gentis comigo.

Olivia Fürst: Enfim e aí a gente passou por tudo isso, missa, e sempre uma família muito privilegiada, né, assim, que teve todo o respaldo da mídia, que teve apoio de amigos da família, que pôde ter a sua dor, né, ouvida, ampliada, compartilhada. Eu me lembro que eu fiz um post no Facebook... porque aí fizemos camiseta, teve lá foi feito né. E tinha essa fala, “justiça!” e tal, e eu comecei a sentir que a gente tava seguindo um script de família vítima da violência, vamo fazer alguma coisa diferente. A gente comprou as tintas e tal, e foi um dia lá de noite que a gente foi pintar o ponto de branco pra... transformar aquela cena do crime. A gente não podia continuar a conviver com aquele cenário, sabe. Sem fazer nada. Até porque a gente ouviu muito que ali era um ponto conhecido de assalto.

Branca Vianna: Ponto que você diz é o ponto de ônibus?

Olivia Fürst: Ponto de ônibus, é, isso, ponto de ônibus.

Mausy Schomaker: Eu tenho a maior consideração pelo Eduardo Paes, porque ele recebeu a gente...

Branca Vianna: O Eduardo Paes era o prefeito do Rio na época, em 2015, eleito agora de novo em 2020.

Mausy Schomaker: ...ele fez a praça, ele mandava me ligar para dizer, "que cor que é o banco?", sabe, assim... Ele foi... Mas isso tinha que ser para todo mundo, né?

Branca Vianna: O ponto de ônibus em que o Alex foi assassinado virou uma praça, com parquinho de crianças, uma daquelas academias de terceira idade... e ganhou o nome dele – Praça Alex Schomaker Bastos.

Com toda essa mobilização e esforço, cinco meses depois:

Âncora: A placa de uma moto ajudou a polícia a localizar os suspeitos de assassinar o estudante de biologia Alex Schomaker, morto num assalto em Botafogo no início do ano.

Branca Vianna: No dia 31 de maio de 2016, os assassinos do Alex foram condenados a 28 anos de prisão.

Mausy Schomaker: Mas no mês que o Alex morreu, se você for pesquisar – morreu muita criança, muito jovem, entendeu? Morreu gente, assim... O Alex ficou uma coisa porque a gente tinha voz, né?

Branca Vianna: Segundo vários estudos nos últimos anos, o estado do Rio tem uma das piores taxas de solução de homicídios no Brasil.

Os assassinos do Alex foram encontrados em menos de seis meses. Condenados em menos de um ano. Dá pra cravar que o caso do homicídio do Alex foi, sem dúvida, uma exceção.

Ou seja, nesse caso, a justiça brasileira funcionou. E muito bem.

Mausy Schomaker: No caso do Alex, assim, a justiça foi feita, seguiu todos os trâmites, está certo, eles estão lá. Isso é normal, isso não traz meu filho de volta, nada disso. Mas eu sei que eu estaria muito mais angustiada, como muitas e muitas mães, e famílias, e pais e irmãos, e amigos, de muita gente que foi assassinada... E que não sabe nem quem foi que matou. Ou que morreu e achou o corpo não sei quanto tempo depois, aquelas – essas coisas tenebrosas que acontecem no Rio e a gente não se choca, sabe? Esse é que o termo...

Branca Vianna: A Mausy teve algum conforto com a resposta que a justiça brasileira pôde oferecer pra ela. Mas teve quem oferecesse outro caminho.

Mausy Schomaker: E muita gente, incluindo a polícia, alguns policiais e muita gente que eu não conheço e me deu até cartão: assassinos de aluguel. “A senhora quer, eu mato sem cobrar, meu presente.”

Branca Vianna: A pessoa – a pessoa entrega um cartão para você dizendo...

Mausy Schomaker: Com nome, papelzinho... Cartão que eu digo, mais um papelzinho. “Se a senhora quiser...” Eu rasguei, porque eu confesso que várias vezes tive vontade de ligar.

Branca Vianna: Bom, o que esses policiais, ou até gente na rua, tava oferecendo pra Mausy era uma espécie de pena de morte informal, uma pena de morte ilegal.

Paula Scarpin: Aí era lei de Talião, né: olho por olho, dente por dente.

Flora Thomson-DeVeaux: Mas aí é justiça ou é vingança?

Branca Vianna: Cê já tá gravando aí no... no celular?

Jailane Delmaschio: Eu tô. [ri]

Branca Vianna: Tá, tá.

Jailane Delmaschio: [ruído] É... meu nome... é... é, desculpa, gente, é porque minha filha tá me chamando aqui, eu não sei nem por quê!

Branca Vianna: A sua filha... a sua filha tá aí? Ela tá aí, na tua casa?

Jailane Delmaschio: Tá...

Branca Vianna: Ah, então, eu vou pedir a participação dela, se ela... [Jailane ri] mas primeiro... primeiro se apresenta, depois eu vou pedir pra ela contar a história.

Jailane Delmaschio: É... meu nome é Jailane, eu sou formada em economia, moro aqui em Palmas, Tocantins, e... essa aqui é a Sofia... né, Sofia? [ri]

Branca Vianna: A gente procurou a Jailane e a Sofia por causa de um tuíte da Jailane.

Jailane Delmaschio: Fala, meu neném!

Sofia: Meu nome é Sofia, e... eu também moro aqui... e tenho isso.

Branca Vianna: A Sofia escondeu o polegar e mostrou quatro dedinhos pra câmera.

Branca Vianna: Quatro anos, cê tem quatro anos e você também mora aí em Palmas, Tocantins, é isso?

Sofia: Aham.

Paula Scarpin: A gente viu a sua... a sua mãe contando uma história que alguém tinha batido em você...

Branca Vianna: O tuíte da Jailane dizia o seguinte: "minha filha é pacifista. Outro dia uma menina bateu nela e eu mandei bater de volta e ela me disse 'não pode bater nas crianças, mãe'".

Jailane Delmaschio: Cê lembra quando a Tamili te bateu?

Branca Vianna: Essa é uma história bem comum, né?

A criança apanha na escola, ou sofre bullying, e os pais incentivam ela a "se defender". Falam pra pagar com a mesma moeda. Se bateram em você, você bate de volta.

Jailane Delmaschio: Quando eu era criança, minha mãe falava pra bater [ri]... nos outros colega, e eu batia! [ri]

Branca Vianna: Às vezes "dá certo" – quer dizer, a criança passa a revidar e equilibra o jogo de poder ali. Às vezes a coisa piora, e tem uma escalada na violência. E às vezes a criança tem medo de revidar, não é da índole dela. E com a Sofia foi assim:

Jailane Delmaschio: O que você acha de bater nas crianças?

Sofia: Eu não acho bom.

Jailane Delmaschio: Mesmo quando as crianças te bate?

Sofia: Aham. Que eles não são educado ainda.

Branca Vianna: A Sofia não quis revidar não porque ela tinha medo dos bullies dela. Mas porque ela julgou que essas crianças não eram "educadas" ainda.

Jailane Delmaschio: Ah, essa questão dela... é... não querer bater na coleguinha, pra gente foi uma surpresa, né? Porque a gente falava pra ela se defender... se fosse... necessário, não deixar bater, mas ela teve uma atitude bem passiva. Mas eu fico até um pouco receosa, num sei como é que ela... que ela vai crescer, mas ela nunca bateu em outra criança.

Paula Scarpin: E como que a escola lida com esses conflitos, assim, de... quando tem briga?

Jailane Delmaschio: Olha, a escola dela, eu acho que eles não sabem como intervir. Quando teve um coleguinha que mordeu o outro, aí chamaram os pais dos dois... pra tentar falar, né? E aí, pro que foi mordido, foi a mesma coisa de "ah, não deixa ele te morder", como se fosse responsabilidade dele.

Flora Thomson-DeVeaux: Ou seja... o que você tentou passar pra Sofia é o que a escola tenta passar pras outras crianças, que é, assim: tem que se defender, num sei o quê... é muito... o comportamento da vítima que tem que mudar.

Jailane Delmaschio: Agora que você falou, é exatamente isso, meu Deus!

[risadas]

Jailane Delmaschio: Eu... eu tava criticando a escola e fiz a mesma coisa!

Branca Vianna: A Sofia deu um nó na cabeça da Jailane.

Jailane Delmaschio: A Sofia, ela... é bem peculiar, o senso de justiça dela. Ela até contraria [ri] o que a gente ensina...

Flora Thomson-DeVeaux: Tô botando um alerta aqui no meu Google Calendar pra daqui a 31 anos votar na Sofia pra presidente...

Branca Vianna: [ri] Foi engraçado isso que a Flora notou, da "incoerência" da Jailane. De que a Jailane tava incomodada com o fato de a escola trazer tanto as famílias dos alunos que praticam bullying quanto a dos que sofrem bullying pra resolver uma questão... porque a Jailane, ela entende que isso é pedir que a vítima mude o comportamento dela. Mas ela queria que a Sofia lidasse por conta própria com a violência que ela tava sofrendo.

Paula Scarpin: É, dá a impressão de que revidar, "pagar na mesma moeda", é um consenso meio universal de justiça nesses casos, né. Mas tá aí a Sofia pra provar que não é bem assim.

Flora Thomson-DeVeaux: É, tanto que a Lei de Talião – "olho por olho, dente por dente" –, que hoje a gente vê até como uma coisa extrema, arcaica, enfim... ela precisou ser criada... porque a própria ideia de "retaliação proporcional" foi um avanço jurídico.

Branca Vianna: Como assim?

Flora Thomson-DeVeaux: Era um jeito de ter alguma ordem. De limitar a vingança. Tipo: um olho... por um olho. Não podia ser um olho por dois olhos, ou um olho por uma mão, enfim. Não podia matar por causa de um olho. A lei de Talião supõe um cálculo muito simples. Agora existe uma dívida do tamanho de um olho. Ou do tamanho de uma vida.

Paula Scarpin: Mas aí, se tiver retaliação, a conta fecha? Será que a Mausy ia se sentir "justificada" se ela pudesse matar os assassinos do Alex?

Mausy Schomaker: A chance que a gente teve de mandar matar é um negócio que me deixou muito... embaralhada. Porque, juro, não foi fácil dizer não. Sabe? Mas eu não quero ser igual a eles, né? Eu não quero ser igual aos assassinos do meu filho. E se eu topasse mandar

matar, eu seria igual a eles. Quero acreditar que eu sou uma pessoa melhor do que aqueles caras.

Paula Scarpin: A Mausy dizendo que ela não aceitou porque ela quer acreditar que é melhor do que os assassinos do filho dela tá me lembrando a Sofia dizendo que ela não quer revidar a agressão na escola porque os amiguinhos ainda não são “educados”.

Flora Thomson-DeVeaux: Só que a Sofia ainda tem esperança que os amiguinhos sejam educados algum dia.

Paula Scarpin: É, a Mausy não.

Mausy Schomaker: A gente passou a chamar eles... pulga de bunda. Sabe? Pulga de bunda de cachorro. O que é que pode ser pior? Pulga de bunda de cachorro.

Olivia Fürst: E meu pai falava muito isso, que eles eram vermes, que são uns animais, que são pessoas desprovidas – eu entendo o sentimento dele, né, mas eu acho que que é esse é um sentimento que não é racional, né. Mataram o filho dele com sete tiros aos 24 anos. Um príncipe, um menino doce, sabe, brilhante. Enfim. Eu dizia, na verdade, quando a gente diz que o outro é um verme ou não é um ser humano, a gente tá colocando ele numa categoria de alguém que não tem capacidade de compreender o que fez. É uma besta fera que não tem jeito... você acabou. E eu não acredito nisso.

Branca Vianna: E não é à toa que a Olivia não acredita nisso.

Olivia Fürst: Eu sou advogada, trabalho com famílias, trabalho com construção de consenso, com processo de diálogo, e uma linha chamada advocacia colaborativa, que, né, trabalha com...

Branca Vianna: Nessa linha de advocacia colaborativa, o advogado se compromete a ajudar o cliente a chegar num acordo. Se o acordo não for possível, esse advogado sai do caso. E se a pessoa quiser ir pro pau, tem que contratar outro advogado.

O foco do trabalho da Olivia são divórcios, guarda de filhos, herança, partilha, e questões envolvendo famílias, em geral. A Olivia trabalha com famílias que não querem entrar num litígio judicial – ou seja, não querem levar as divergências para um juiz resolver. Querem tentar resolver entre si.

Olivia Fürst: Consenso não é o ideal de um ou de outro, mas é a solução com a qual as pessoas podem conviver. Assim, eu posso acordar de manhã, respirar, e ok, a vida tá tá boa, tá razoável né, assim, aquilo não me violenta, eu tenho a convicção de que aquele foi o melhor acordo possível que eu cheguei com a outra pessoa. Então

isso é construir consenso, bem pé no chão, assim, sem tentar vender uma ideia de que as pessoas saem cantando, que é mágica, eu acho que a gente tem que ser realista.

Branca Vianna: Antes de conhecer a advocacia colaborativa, a Olivia já tinha trabalhado num escritório mais tradicional.

Olivia Fürst: Eu nunca fui comemorar com um cliente de família ter ganhado uma vitória processual. Jamais eu vibrei, falei "Yeah, consegui tudo". Consegui, mas não atendi, sabe.

Branca Vianna: Claro, porque geralmente, quando um lado da família "ganha", o outro lado, que é da mesma família, "perde".

Olivia Fürst: O conflito, ele é uma constante, né. Ele faz parte da nossa condição humana, ele faz parte. Eu me lembro quando eu tive a minha primeira filha, uma amiga minha, o marido dela, ela me disse que o marido dela pegava a fralda do bebê do filho dela, ele pegava a fralda de cocô e fazia assim. [inspira fundo] Dava aquela respirada, eu falei "Gente, sério?" Ela falou: "É! Pra ver se o cocô tá saudável", entendeu. Pra ver se o cocô tá bom. E aí eu entendi isso, sabe, que assim, o corpo social vai sempre produzir merda, sabe, vai sempre ter o seu— mas a gente pode fazer um cocô saudável ou um cocô muito doente, fedido, horroroso, impossível de lidar. Entendi que a gente poder cheirar bem profundamente e entender como que isso pode ficar mais saudável. Porque é inerente à vida fazer cocô, né. Então, é inerente à vida o conflito, é inerente à existência humana a violência. É inerente que isso nunca vai acabar, esse é um constante. A gente tem que aprender a lidar de uma maneira muito mais construtiva, cuidadosa, baseada na coesão, no fortalecimento dos vínculos sociais. O que que faz uma pessoa romper o pacto social nessa gravidade assim? Nessa - com essa força?

Branca Vianna: E como é que faz? Alguém que trabalha com isso, alguém que entende o mundo dessa forma, como a Olivia, como faz para lidar com o que aconteceu com o irmão dela? Uma morte violenta, um crime torpe, sete tiros por causa de um celular.

Olivia Fürst: Eu... pra mim o sentimento que não passa – até acho estranho, porque eu, não é como se eu não tivesse, fosse meio um vazio – eu não sei nomear. O sentimento que eu sei nomear é de perplexidade, sabe. É uma perplexidade que não passa né, então entender o que aconteceu aquela noite... E... então, ficam muitas interrogações, sabe, ficam muitas interrogações e uma frustração de pensar que realmente a nossa sociedade não encara as coisas como elas devem ser encaradas, a gente tá tapando o sol com a peneira, a

gente tá empurrando pra debaixo do tapete, essas coisas todas. Sabe, a gente precisa entender o que é que a gente tá fazendo, porque a gente faz parte do mesmo tecido. Isso é muito difícil. É mais fácil você dizer “não, eu não tenho nada a ver com isso. São animais, são pessoas que não têm empatia, psicopatas”. Não, sabe, não. A gente precisa abraçar isso, a gente precisa botar a mão nesse troço, sabe, se não a gente não vai avançar pra lugar nenhum.

E eu me lembro de uma situação que pra mim foi muito marcante, sabe. Que é... dentro da sala de audiência tava o meu pai, a Mausy, mãe do Alex, é, o juiz, promotor, defensor, os réus, e fora, no corredor do fórum, né, aqueles corredores compridos do fórum, com bancos assim, tavam as famílias. E eu me lembro da gente olhar assim, né, de um lado lá na outra ponta a família deles, e eles olhando assim pra gente lá da outra ponta, sabe, assim. E era uma coisa assim... eu olhei com espanto sabe, eu olhava assim nossa eles têm mãe, né? Eles têm filho, eles têm família, e a gente tinha também. Então... foi muito estranho assim, como esse estranhamento, sabe, esse estranhamento de: “quem é o outro?”, né? E ficou isso, né.

Uma hora eu fui no banheiro pra tentar ver um pouco, ouvir um pouco... você tem uma vontade, assim, de, de tentar entender, né, de se aproximar, ou até de olhar, eu não sei. A gente tá vivendo a mesma situação em polos opostos, mas uma situação que impactou as nossas vidas radicalmente. Tá todo mundo ali em sofrimento, né? Pisando no mesmo chão, né, aquela coisa, vivendo esse mesmo sem poder ter ponto nenhum de contato, sabe.

Ficou esse buraco pra, mim, sabe, ficou porque eu trabalho com isso. Porque eu acredito no diálogo, e porque eu sinto que é insuficiente.

Branca Vianna: As impressões da Olivia e da Mausy do que aconteceu no dia do julgamento são totalmente diferentes.

Mausy Schomaker: Para todos nós foi importante ter o julgamento e tal. Para mostrar para eles e para a família deles, que também foi muito acintosa conosco lá no fórum, eles passaram pela gente como se nós fossemos os – os criminosos, né? Olhavam para a gente com raiva. Eles ficaram num lado e nós do outro, no corredor. A família dos assassinos e nós. Eu me levantei e fiquei postada, em pé, olhando para a cara deles. Ninguém falou nada para mim. Só ficaram me olhando, tinha crianças, inclusive. Fiquei olhando, olhando, olhando. Para mostrar para eles: eu não tenho nenhum medo de vocês, vocês é que são os errados.

Branca Vianna: A gente não tem vídeo do julgamento pra entender melhor essa

dinâmica entre as famílias da vítima e dos réus naquele dia.

Mas o que dá pra saber, conversando com a Mausy e com a Olivia, é que nenhuma das duas sente que houve reparação.

Olivia Fürst: Sabe, é insuficiente essa dinâmica punitiva, né, que vai lá e tal, ela, é, ela não dá conta do tamanho da complexidade do problema. Ela dá conta parcialmente, e é aí que é uma coisa que muita gente tem dificuldade de entender, né. Não tô falando de perdão, não tô falando de compreensão, de atenuar, não sou boa, não sou elevada, nada disso. Tô falando de entendimento, de processo de conscientização e de encarar e de olhar e de entender o que aconteceu entre a gente.

Branca Vianna: É isso que escapa à matemática da Lei de Talião. Supor que a gente pode mensurar uma perda, dar uma resposta à altura dessa perda, usando só uma equivalência de castigo pra cada crime.

Olivia Fürst: O que aconteceu com as nossas famílias, como é que era antes, como é que foi depois, pra gente poder lidar com isso. Se não, o que a gente faz é não lidar com isso. Aplicar a pena, punir, excluir, é parte do processo, mas a gente não lida mais, a gente finge que tá resolvido, lembra, quando fala resolver, não tá resolvido. Claro que não tá resolvido, tá em aberto.

Mausy Schomaker: Eu choro todo dia. Muito, muito. Mas eu subo o morro para dar aula, eu faço isso, eu... Eu não sou Madre Teresa de Calcutá, não é isso. Eu não quero transparecer isso não, porque eu sou bem cretina mesmo. Mas eu não esqueço nunca que eu sou parte de um coletivo, a gente não pode esquecer isso.

Branca Vianna: Estou pensando no que você estava falando, de que nós vivemos numa sociedade, nós somos um coletivo. E segundo as regras da nossa sociedade, as pessoas que cometem crimes como o que esses caras cometeram, que mataram uma pessoa... O que a sociedade decidiu, né, como sociedade, é que essas pessoas são – são presas, são julgadas e são condenadas, ou são absolvidas. No caso deles, eles foram condenados e foram para a cadeia, né.

Mausy Schomaker: É. Tão em Bangu. Bangu 1, eu acho.

Branca Vianna: Estão em Bangu. Então, foram condenados a uma pena longa. Quer dizer, nesse caso, o que o coletivo decidiu como sendo a solução para esse tipo de conflito aconteceu, né? Mas isso não é o suficiente para você, né? O que você – o que você pensa disso, do que aconteceu?

Mausy Schomaker: Não. Não acho que seja suficiente, não. Você imagina o que é esse Bangu 1, 2, 3. É comida azeda, né, calor do Senegal, esses 48 graus sem ventilador, sei lá como é que é. Você acha que uma pessoa dessa sai recuperada de um lugar desse? Acho muito pouco provável. Quem mata do jeito que mataram o Alex, eu acho que não se recupera.

Flora Thomson-DeVeaux: Mas e aí o que a gente faz com essas pessoas, se você não acredita na pena de morte?

Mausy Schomaker: Eu acho que tem que ficar na cadeia. Não... Não, pena de morte...

Flora Thomson-DeVeaux: Prisão perpétua?

Mausy Schomaker: Eu acho que a prisão perpétua. Acho que essas pessoas não têm cura. A polícia sempre fala para mim: "Olha, eles foram condenados a 28 anos, mas eles vão sair muito antes, você ainda pode estar na rua e tropeçar com eles". Eu não posso nem imaginar um negócio desses, sabe? Nem – nem – Não consigo saber se – se – Se eu souber – Que eu sei, de vez em quando recebo notícias. É... Que eles estão lá, mas um dia eles vão sair. Eu espero ter morrido antes, porque aí eu não sei, eu não tenho a menor ideia do que eu vou – qual vai ser a minha reação. Eu acho que se tiver o azar deles saírem, se eles não morrerem de tuberculose lá dentro – que eu torço muito para que morram de tuberculose lá dentro. Quero deixar bem claro, não tem nenhum espírito de perdão, que eu ouço muito, "se você perdoar, você vai ficar melhor". Eu não vou ficar melhor porra nenhuma, entendeu? "Se você perdoar, você vai ficar mais leve".

Ainda fala com essa voz de gueixa, tenho horror a voz de gueixa, sabe? Acho voz de gueixa chatérrimo. "Ai, não, porque se você perdoar, vai se livrar do peso". Não vou. Eu não tenho esse perdão dentro de mim. Perdão a gente dá se alguém pisa no seu pé sem querer. "Ah, desculpe", "Claro, não tem problema". Mas não matar seu filho com sete tiros à toa. Não. Não. Não. Entendeu? Isso é, para mim, inconcebível. E eu acho que as pessoas que dizem, que eu escutei muito... Muita gente, assim, que perdeu o filho, foi lá com terços, orações, o cacete: "Eu consegui perdoar os assassinos do meu filho", então a senhora é uma mentirosa...

Olivia Fürst: A gente se falou lá atrás, né, Paula, na época da morte do Alex e tudo, né.

Paula Scarpin: Exato. Eu tava – ontem achei o caderno que eu tinha anotado uma reunião com você, Mausy, Andrei, assim, e tava até –

mostrei pra Branca e pra Flora.

Branca Vianna: O que é que você escreveu na Piauí que você acabou não publicando?

Paula Scarpin: Na verdade, eu soube que a Olivia, irmã do Alex, ela tinha uma visão meio diferente do pai e da madrasta, né. Naquela época, a Mausy e o Andrei tinham publicado um artigo n'O Globo em que eles tavam chamando os assassinos do Alex de "vermes", enfim, essa raiva da Mausy que a gente tá ouvindo, uma raiva totalmente justificada. Mas a Olivia pensava diferente, até por causa trabalho dela.

Branca Vianna: Você falou, Olivia, da sua perplexidade, da tua necessidade de entender como isso aconteceu, né? Quem são essas pessoas? O que elas pensam? Como são as famílias delas, como isso afetou as famílias delas? Assim, num mundo ideal, se dependesse de você, como você gostaria que isso fosse encaminhado?

Olivia Fürst: No mundo ideal, que eu sei que não é, né...

Paula Scarpin: E, já naquele primeiro momento, logo depois da prisão dos caras, a Olivia já tava querendo procurar eles, falar com eles...

Olivia Fürst: Falar e ouvir, né. Pra que a gente pudesse fazer um exercício de tomada de consciência mútua, né? Deles entenderem quem era o Alex, por que ele tava ali, o que ele ia fazer né, os desdobramentos disso, quem é a família do Alex, como é que cada um viveu e sentiu tudo isso, e o que a gente pode fazer pra reparar ou pra amenizar, se é que é possível. Mas eu também queria ouvir – na verdade, acho que eu queria até mais ouvir do que falar – eu queria entender, e queria entender a história de vida, eu queria entender da onde eles vêm, né, como é que eles – como é que a vida deles, como é que isso impactou...

Branca Vianna: E ainda tem a questão do quê, exatamente, aconteceu naquela noite, e de por quê que aconteceu.

Olivia Fürst: Por que tanto, por que atirar, por que tanto tiro? Por que matar? O que passou na cabeça deles, sabe? E depois? Provavelmente muita gente pode ouvir isso e pensar: “gente, Olivia, eles não têm remorso nenhum, eles têm valor à vida nenhuma, essas pessoas saem pra ma- dispostas a matar ou morrer”, eu entendo. Eu até entendo isso, e acho que provavelmente é isso que isso que eu vou ouvir, que tavam ali dispostos a matar ou morrer.

Mas isso precisa ser explicitado. A gente precisa jogar luz nisso, entendeu? Com mais profundidade, assim. De que tem gente disposta a sair pra matar ou morrer, por causa de um celular, e que, e que valores e que tipo de vida é essa, e como que a gente chega nesse lugar, entende?

Paula Scarpin: ...só que tinha várias barreiras pra esse encontro acontecer, né? Pra começar, os caras tinham que topar. E eles não tinham nada a ganhar com isso, nenhuma redução da pena, nada. Mas o maior obstáculo pra Olivia, na verdade, naquela época, era que a Mausy e o Andrei, eles não tinham interesse nesse encontro.

Olivia Fürst: Isso que meu pai e a Mausy não dariam conta, e eu, né, não sei se é isso. Então não tomei nenhuma atitude, sempre fui desincentivada, todas as pessoas que eu procurei – “não vale a pena”, de que eu não vou alcançar o que eu quero. E o que eu quero? Eu quero isso, eu quero tomar consciência. Se eu pudesse oferecer escuta, e se escuta for importante pra eles, eu gostaria de oferecer, entendeu? O resto a gente já tem. Que são pessoas intocáveis, que não têm jeito, que são monstros sem coração, que são pessoas— isso daí é como eles são vistos.

Paula Scarpin: E você falou que falou com a Mausy hoje cedo, e como que ela tá lidando com isso? Ela iria contigo se fosse liberado?

Olivia Fürst: A gente tem esse embate. Ela tem muita dificuldade, né, que ela fala, “você é muito boa”. Não é perdão, a gente bate sempre nesse ponto, né, mas ela ouviu, e... e ela entendeu, eu falei essa história do da fralda de cocô ela adorou [ri].

Branca Vianna: Isso é um dilema pra Olivia. Tem um tipo de compreensão que ela precisa ter, e ela gostaria de correr atrás. Mas o movimento pra conseguir isso pode magoar as pessoas que ela mais ama.

Olivia Fürst: Porque a Mausy, ela é impressionante. Ela é uma mulher de uma força, de uma, sabe, assim, ela é impressionante. De uma inteligência, de um coração, de tudo, assim. Ela me... me impressiona muito, assim, eu tenho muita gratidão, assim, por ela e pelo meu pai pra forma como eles se mantiveram numa situação dessas, né, assim. Eles podiam qualquer coisa, eles tinham direito de sucumbir, e tava tava tudo bem se isso acontecesse, né, assim, então, é impressionante. Mas a gente é muito próxima, a gente se uniu muito, meu pai já não tá mais aí, nem o Alex, mas a gente tem uma relação que é nossa, e a gente, em todo esse momento eu apareci menos, mas eu tive sempre com eles né.

Flora Thomson-DeVeaux: E você tem alguma vontade de saber como andam essas famílias? Você tem essa curiosidade?

Mausy Schomaker: Eu só desejo o pior.

Paula Scarpin: Para a família também?

Mausy Schomaker: Também. Tô te falando, sou boazinha não. Não. Não. Não. Não desejo nada de bom para eles. Porque a minha família tá destruída, né? De uma outra maneira, ninguém está passando fome, mas... Não desejo nada de bom para eles não, não consigo. Eu não vou mentir aqui.

Paula Scarpin: A Olivia tem vontade de ter algum tipo de aproximação, de ter um fechamento, né, dessa história...

Mausy Schomaker: Tem. Tem.

Paula Scarpin: ...de conversar com eles, com a família.

Mausy Schomaker: A Olivia tem. É.

Paula Scarpin: O que você sente disso?

Mausy Schomaker: A Olivia tem, que ela assim, ela – ela gostaria de perguntar para eles, “por que vocês mataram meu irmão?”. Eu não... Primeiro que eu acho que não tem resposta para isso. “Ah, eu matei seu irmão porque seu irmão é um mauricinho”, né - coisa que ele nem é -, “estava sentado no lugar errado, eu queria aquele celular porque eu vendi na feira do rolo”. Ele vai dizer isso para mim? Eu vou... “Ah, não, matei seu irmão porque a sociedade é muito injusta”... Pfft. Não, eu não. Não. A Olivia tem isso, ela – Para ela, ela acharia importante. Por enquanto ela acha, mas acho que ela nunca vai conseguir perguntar também.

Paula Scarpin: Mas você não se opõe se ela quiser seguir com isso?

Mausy Schomaker: Não... Eu não me oponho a nada. Não, imagina. E eu sei que se ela fizer isso ela vai me contar. Mas... É... Não sei se ela conseguiria, mas digamos que ela conseguisse. Eu acho que ela até iria, mas não sei como é que ela reagiria. Mas se você pensar bem, o que é que você pergunta para um cara que matou seu irmão com sete tiros no ponto de ônibus, na semana da formatura?

Olivia Fürst: O que é que eu, Olivia, posso fazer, o que vocês podem fazer no nosso campo de atuação, é o que me move, sabe, me deixa inquieta, sabe, me deixa inquieta. O que é que eu posso fazer com isso? Aconteceu no meu colo, eu perdi um irmão assassinado. Eu trabalho com processos de diálogo, eu acredito na restauração, né,

que eu posso fazer com isso agora?

Branca Vianna: Eu não tenho ideia do que a Olivia ou a Mausy podem fazer com isso agora, ou o que a gente pode fazer com isso agora.

Mas essas conversas deixaram a gente com mais dúvidas do que certezas. Qual é a nossa ideia de justiça? De que forma a gente aplica essa ideia no mundo? Essa ideia tá nos atendendo? Tá funcionando?

“Ah, mas é o melhor que a gente tem”. É mesmo? Melhor pra quem? Nesse caso, não foi o melhor nem pra Mausy, nem pra Olivia.

E pro outro lado? Como a Olivia não conseguiu falar com os assassinos do irmão e a Mausy nunca quis, e eles também não quiseram participar de uma conversa, a gente também não procurou eles. Mas acho que ninguém aqui acredita que alguém saia recuperado de uma penitenciária brasileira. Então, o que é que a gente tá fazendo?

Narração Fantástico: O Fantástico de hoje começa com uma cena que parece saída de um roteiro de novela. Mas aconteceu de verdade, ontem, no Rio de Janeiro. No meio do casamento, a polícia aparece e prende os noivos, os padrinhos e um monte de convidados.

João Luiz Francisco da Silva: Nós fomos presos em 2010 em mais uma ação pirotécnica, cinematográfica da polícia, onde a Globo chegou na nossa prisão primeiro que a gente.

Branca Vianna: Quando chegou a polícia pra te prender, a Globo já chegou junto com a polícia, é isso?

João Luiz Francisco da Silva: [ri] Deixa eu explicar...

Branca Vianna: Esse é o João Luiz Francisco da Silva. Ele ficou preso cinco anos. Mas ele diz que, na verdade, a prisão dele foi perpétua. No próximo episódio, ele vai explicar.

Branca Vianna: *Crime e Castigo* é uma série original da Rádio Novelo realizada com recursos do Instituto Betty e Jacob Lafer e da Oak Foundation.

Pra ver conteúdos adicionais, nosso site é radionovelo.com.br/crimeecastigo.

A idealização, a pesquisa, e apresentação são minhas, da Flora Thomson-DeVeaux e da Paula Scarpin.

O roteiro é da Ludmila Naves e do Lucas Calmon.

O André Emídio colaborou com a pesquisa.

A Juliana Jaeger é a gerente de estratégia, e a Marcelle Darrieux é a nossa gerente

de produção. Guilherme Alpendre é nosso diretor executivo.

A produção é da Mari Faria.

A checagem, da Marcella Ramos.

A edição é do Lucca Mendes.

A sonorização é da Júlia Matos e da Paula Scarpin, e a mixagem é da Pipoca Sound.

A música original é do Pedro Leal David.

A FêCris Vasconcellos cuidou da coordenação de estratégia, e as redes sociais e relacionamento são da Bia Ribeiro e do Eduardo Wolff.

A identidade visual é da Elisa Pessoa e o design gráfico é do Mateus Coutinho.

O nosso site foi desenvolvido pela Paula Carvalho e pela Amanda Gedra.

A gente gravou no Estúdio Rastro no Rio, nossos transcritores para esse episódio foram Pedro Gutman, Nino Bloch, Júlio Delmanto, e Nathália Athayde, e quem leu os comentários dos ouvintes pra gente foram a Ludmila Naves, o Sílvio Alpendre, o Lucas Calmon, a Júlia Matos, o Guilherme Alpendre, e a Évelin Argenta.

Todos os episódios de *Crime e Castigo* já estão disponíveis. Se quiser maratona, é só continuar por aqui.